

MAMÃE QUANDO MORREU pediu para ser enterrada de bruços. A saia coberta de pulgas trancava seu vulto de nunca mais. Descadeirada, mamãe se pensava da família das madeiras. Queria ser rente, maciça, um toco de pau. Como mamãe era brusca. Desconhecia as próprias fibras. Ela lá esticada, papuda. O queijo pronto para toda sorte de devorações com pose ela mesma de devorada. Acho até que alargava a boca, a gengiva fincada no barro mole com um tremendo apetite: mamãe sorri como nada entre gengibres e argilas. Felizarda. Parece até que viu passarinho. Parece que virou presunto, a mamãe.

MEU MANO DESLIGA O MOTOR da caminhonete e começa a dobrar um cigarro. Me vigia sentado no banco do motorista. Lá fora, eu continuo abraçado na terra vermelhuda. Barriga para baixo, braço em cruz. Ali como estava, não seria difícil me abotoar contra o chão. É quase meio-dia. O sol castiga minha nuca e faz crescer a água dos meus sovacos. Não me rendo.

Percebo que meu mano está impaciente. Ele batuca com o punho fechado no volante. Então rastejo com os cotovelos mais para um canto. Vejo abóboras rachadas, formigas bitelas, capim nenhum. Tão secas as abóboras, tão furadas. O cavado até sugere dois olhinhos sentidos. Olhinhos que passarinho se zangou e veio bicar. E uma boca arrombada. Temo que as abóboras estejam bocejando para mim. Aquilo me desmonta: andar vendo degola nos legumes. Diz que esse é meu problema. Bobagem. Nunca vi um crânio cochilar.

Vamos? Ouço meu mano me apressar.

Ele resmunga e desce do carro pisando forte. Anda até um pé de mamona e desamarra a braguilha. Tudo em meu mano é pescoçudo, até o cano de suas botinas. Só escuto o barulho do mijo espancando a terra. Ali, como estava, meu mano devia

se sentir um monumento. O cigarro preso entre os dentes, as mãos apoiadas na cintura e as pernas abertas um pouco mais que a linha dos ombros. Os bagos para fora. As mamonas, tal qual os testículos, fazendo jus à sua aspereza. Meu mano almirante. Meu mano equilátero. Mijando sobre o pasto seco, o olhar tão pobre de terra à vista. Meu mano, esse era ele.

Então aperto a orelha contra a terra. No começo é difícil distinguir. Ela tem um bucho barulhento, muitos trânsitos. Às vezes parece que algo está prestes a arrebentar. Outras parece apenas um pigarro. Acho que deve ter catarro na garganta do chão. Eu fecho os olhos. Escuto chiados. Me ocorre falar assim como um doutor: diga trinta e três. Mas não é assim que a banda toca. O fato é que passando por toda essa fermentação, pelos sons empedrados, cascalhada, movediço, é possível escutar. Tudo que enguiça de repente é voz.

Levanto a cabeça sobressaltado. Meu mano me olha como se não me visse. E então? Ele interroga. Eu ainda meio muvuçado respondo: a te-te-rra, ela está che-cheia de murmurações.

Meu mano não esboça surpresa. Estala a língua em reprovação, deixando cair brasa na sua barbicha. Ele solta um palavrão e joga a bituca no mijo. A bituca chia. Meu mano fala com firmeza:

Vamos embora. A terra está deslavada.

MEU MANO E EU NOS REVEZAMOS sobre o colo de mamãe para ver se o coração já tinha encerrado mesmo seus serviços. Primeiro ele. Pousou a orelha sobre a teta esquerda e foi apressado. Depois eu, que me larguei ali uns bons minutos. O coração de mamãe já não usava tamancos. Simão ainda foi prudente e estendeu o indicador debaixo de seu nariz, roçando aquele buço ralo. Nada. Mamãe parecia satisfeita, muito morta. Nenhum de nós teve peito para descer o dedo nas suas pálpebras. Aque-la visão estava estragando a gente. Não é direito os mortos se manterem tão esbugalhados. Então me ocorreu ir até a cozinha. Voltei de lá com uma colher de sopa e meu mano entendeu na hora. Fechamos primeiro a esquerda e depois a direita. Segurando juntos o cabo da colher como se cortássemos um bolo de noivos. Simão soltou rápido e escondeu a mão nos bolsos. Depois, a colher ficou inútil, na minha mão. Decidimos que não teria cabimento devolvê-la pra gaveta. Melhor seria dar um fim nela, quem sabe enterrá-la debaixo de algum formigueiro.

SUBO NA CAMINHONETE e Simão dá a partida. Os pneus começam a chorar no barro e eu torço para não atolar. Ele força a marcha a ré e de repente tudo em nós empina. Meu mano está cabreiro. Não quer saber que raios eu escutei quando deitei o ouvido na terra. Ele põe óculos escuros e se sente um americano. Simão, seu jeans, seu cinto de fivela. Vamos mudos o caminho inteiro e a campina se arreganhando no horizonte. Aqui a estrada é fina, as folhas de cana entram por dentro da janela estapeando o vidro. Quando o mato abaixa, os morros surgem no longe. Os tratores maquinando. A encosta rasgada como as rugas que circulam um cotovelo. Simão me estende chicletes, eu faço que não. Tem um mês que enterramos mamãe. Desde então, comecei a perceber sotaques vindos da lama.

MAMÃE ESTAVA COM AS PÁLPEBRAS DEITADAS. Isso já era meio caminho andado. Então arregaçamos as mangas. Meu mano foi segurando pelas munhecas e eu pelos calcanhares.

Paramos em frente à caminhonete. Simão decidiu que ela iria no banco da frente. Colocamos mamãe sentada e eu prendi o cinto de segurança para que não fosse tombada durante o caminho. Se bem que isso só adiantou em partes: o pescoço ficou capenga, caindo de um lado para o outro conforme a roda passava pelos buracos. A cada solavanco parecia que a cabeça assentia. Mamãe não se cansava de dizer sim. Já eu fui na carroceria. Meu mano olhando a estrada que vinha e eu olhando a estrada que foi. De vez em quando nossos olhares se esbarravam sem querer no retrovisor.

NÃO LEMBRO SE A IDEIA de levar as mexericas foi minha ou dele. Mas foi o que deu para levar. Não encontramos flores pelo caminho. Na verdade, não nos esforçamos o suficiente para isso. Os gerânios que mamãe tinha apreço: nada. O girassol que ela dizia ser uma flor sonsa: nem rastro. Então apanhamos as frutas. Meu mano e eu esticamos cada um a barra da própria camisa e tacamos lá dentro. O pano se afundava em uma sacola farta. Parecíamos dois gravidinhos.

Só quando parei diante do buraco e vi o corpo dela me ocorreu a questão: Simão, mas você acha que a gente descasca antes? Não que ele se importasse com essas coisas, mas acabou aceitando a ideia de repartir em gominhos. Assim pareceria uma coisa sorridente.

Distribuí os gomos pelo corpo todo de mamãe. Ela mais parada que uma poça, com o rosto afundado na terra. Já conseguia ver suas bochechas cobertas de caramujos. O buraco foi cavado do lado do brejo e lá no fim de tarde os bichos abrem a maior cantoria. Mamãe rodeada de mosca como uma quitanda inteira.

Eu já estava encardido. Tinha vindo enfeitado, os botões da camisa fechados até o talo. Agora as galochas emporcalhadas,

a mão fedendo fruta. Quando vim ver mamãe, desejava estar com penteado feito. Passei banha e reparti as franjas pro lado. O rosto escovado. Simão não. Meu mano chega com a cara mal-dormida. Está que parece um bife de fígado. Veio de chinelos.

QUANDO CHEGAMOS À CIDADE, meu mano fala que precisa abastecer o tanque. Vamos até o Posto Maravilha e ele pede cinquenta de gasolina. Você vai descer também? Digo que não e vejo ele sumindo na conveniência atrás de uns engradados. Meu mano não sabe viver sem chicletes. Ponho a cabeça para fora do vidro e grito que me traga um refrigerante. Sinto que nessas minha garganta comeu muita poeira. A gente do posto olha pra mim. Tra-traz um gua-gua-ra-ná. Minha voz dobrada de nascença. Quando falo, me sinto assim como alguém que não é destro nem canhoto.

O cheiro de combustível sobe, me deixando mareado. Fico lembrando as vozes debaixo da terra, sua conversação de seiva e ossada. O importante é supor os buracos sem se render ao desejo de cavoucá-los. Aí elas se botam tagarelas. Vêm cheias de assunto. Têm opiniões fortíssimas. Muita personalidade. Acredito que se sintam à vontade na minha presença, que tenham se amigado com minhas orelhas.

Vejo Simão do lado de dentro da loja. Ele puxa do bolso várias notas e paga a conta.

O ENTERRO DE MAMÃE junto ao escarcéu dos grilos. A tarde começava a ficar parda e levantava frio sobre nossas canelas. A gente devia dizer alguma coisa, falar alguma palavra bonita, Simão arriscou por cima do meu ombro. Eu bem que queria, mas tive medo de que minha boca pudesse provocar algum desastre. Sou gago.

Então a prece ficou a cargo de meu mano. Cotovelei de leve sua anca e ele entendeu. Ficou mastigando o queixo, meio desconcertado. Daí começou a esfregar uma palma na outra e abusou das reticências. Mãe, mamãe. Amém. Adeus. Amém. Ele soltou o ar finalmente como se subisse do fundo de uma água. Fitei seu rosto com um sorriso que dizia: você se saiu muito bem. Mas ele olhou para o lado. Vi que suas orelhas estavam ardendo.

QUEBRAMOS A ÚLTIMA CURVA e estamos quase em casa. Daqui já reconheço nossos tijolos. A uns cinquenta passos da cerca, fica plantada a Figueira dos Afogados. É uma árvore de tronco severo e de raízes muito pronunciadas. Ela estica seus ramos, despenca figos graúdos, faz cabelo parecer capim. No galho mais grosso, um pneu fica balançando com um mal de gravata. Sempre que passamos por ela durante a noite, peço para Simão baixar os faróis.

ÉRAMOS EU, MEU MANO e o buraco estendido. Depois da sua reza magra ficamos os dois meio tronchos, sem saber se aquilo era o bastante. O escuro já estava firme e Simão olhou as horas no horizonte. Sem abrir a boca, apontou as duas enxadas em um canto. Eu receava que esse momento chegasse cedo demais ou tarde demais. Já ele não vacilou: começou a puxar arranhando o chão. Imitei. Tomava cuidado para não arrastar junto algum formigueiro. Os montinhos iam caindo em cima de mamãe formando um edredom grosso. Até aquele momento, jamais imaginei que a terra fosse coisa tão peluda.

CHEGO EM CASA e ainda tenho meia lata de guaraná. Prefiro ficar pensativo roendo o canudo. Simão vai direto tomar uma chuveirada. Quando sai do banheiro, está de barba feita. Com o tempo entendi uma coisa sobre ele. Quando se sente amedrontado, faz a barba. Na verdade, acho que apara todos os pelos do corpo. Mas jamais confessaria isso para mim. Comigo ele se faz do tipo valente. Acredito que existe alguma relação entre a tremedeira constante nas suas mãos e os vestígios de pentelhos na pia. Com ele a gagueira desaguou no lugar errado. Cada qual com seu cada qual.

DEPOIS QUE MEU MANO e eu terminamos de tapar o buraco, nos pusemos agachados. Ficou um mais calado que o outro. O brejo arrebetando a alguns metros de nós. Eu media aquele amontoado de terra pensando que ainda faltava algo. Simão olhava pro alto estudando se ia chover. Então lembrei como faziam nos filmes. Sempre terminavam cobrindo a cova com um tijolo ou coisa do tipo. Não havia nenhuma pedra por perto, mas o que dava para fazer era pelo menos deixar a terra escrita. Sabia que era hábito botar alguma frase cumpridora. Andei até o monte e afofei a terra dando umas palmadas. Meu mano me mediu com os olhos. Como aquela terra era boa para compor. Nem molenga, nem dura. Era carnuda feito um caderno novo. Me dava um graveto e eu saía por aí fazendo vastos desenhos. Mas me concentrei só nas palavras que ia escolher, evitando os verbos. Mamãe tinha pavor de verbos. Chupei o dedo indicador e afundei traçando a terra. Resolvi um dito para ela, todo em letra de fôrma:

FILHA DA MÃE
MÃE DOS FILHOS

Achei que Simão ia me repreender, dizer que ficou parecendo um xingamento ou que eu tenho letra de menina. Mas ele apenas sussurrou: chegando em casa, é bom você cortar a unha.